



***Presença e Apagamento em Arte Visual.***

***Professor Dr. Isaac A. Camargo***

### ***Expediente:***

## **Revista: Reflexões sobre Arte Visual**

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

### ***Edição:***

v.1 n.2 setembro 2020

*Periodicidade: quinzenal*

*Capa: A Louca, Anita Malfatti.*

## **APRESENTAÇÃO**

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

*Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.*

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

*Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac\_camargo@hotmail.com*

## ***PRÓLOGO.***

A Presença da Arte na cultura é inegável. Originariamente vernacular e espontânea, hoje propositiva e desafiadora.

Sua vernacularidade e espontaneidade são decorrentes dos meios e condições em que surgiu: Vernacular por apropriar-se dos materiais e meios disponíveis no seu entorno para dar forma às ideias, necessidades e simbolismo que a geraram; espontânea por ter surgido sem que fosse imposta, dirigida, solicitada ou proposta por alguém que não fosse o próprio ser humano na sua ânsia pela existência.

Era muito diferente de hoje quando as manifestações artísticas operam por meio de proposições, técnicas e tecnologias mal ou não compreendidas até mesmo pelos seus contemporâneos.

Enfim, de algo espontâneo e natural, se tornou algo propositivo, intencional e interativo de tal modo que até mesmo o mercado especulativo e financeiro se apropriou dela para torna-la uma fonte de investimento, renda e mercadoria.

Quem te viu, quem te vê...  
Quanta mudança!

O fato da Arte ter mudado tanto não é um problema, mesmo porque uma de suas características é justamente sua capacidade adaptativa, mutante. Às vezes mimética, outras camuflada ou mesmo inventada para sobreviver ou atingir metas e proposições.

Seja como for, as manifestações artísticas não são constantes e hegemônicas e nem estáveis, muda conforme seu tempo, lugar, conceitos e concepções. Portanto a capacidade de transformação é um valor e não um pecado. Assim sendo, sua presença é constante mas sua aparência, finalidade e função não.

A Arte flui dentro do caudal social no qual está inserida ou do qual decorre, neste sentido, ora é dirigida por regras, ora as rompe e se contrapõe a elas.

A dinâmica da criação e da expressão artística é viva e, por isso, assume ou adota formas e valores diferentes em cada época ou prolifera em uma só época.

*Mutatis Mutandis...* Ela é o que é.

A nós cabe tentar entendê-la e, se possível, explicá-la para torná-la mais acessível a mais pessoas e preservá-la como uma conquista humana.

## *Presença e Apagamento em Arte Visual.*

A ideia de presença implica em estar ou existir, ou seja, algo que faz parte de um contexto: ser vivente ou coisa.

No caso da Arte Visual, sua presença é atestada por algo manifesto, realizado, criado por alguém que a configurou como tal, logo, é incontestável e não pode ser ignorada pois é algo presente, que existe ou existiu em algum lugar ou época. As reflexões sobre ela tem por finalidade conduzir o pensamento em torno de sua perseverança no meio social.

Se a Arte tem presença garantida e incontestável no contexto da cultura, também enfrenta vicissitudes ao sofrer intervenções, ser manipulada ou instrumentalizada por circunstâncias e situações sobre as quais não têm domínio ou às quais é submetida ou constrangida pelo meio em sua existência.

Nem sempre a Arte pode exercer sua autonomia e vontade, muitas vezes foi vítima ou condicionada a modos que não podia ou nem tinha consciência para alterar. Nem sempre a liberdade de expressão foi um valor defendido por ela ou pela sociedade e nem sempre o que se viu foi a manifestação de sua vontade.

Um valor defendido no contexto da expressão artística é o poder volitivo, ou seja, a vontade de fazer Arte. A produção artística surgiu desta condicionante: alguém se propôs a criar, tomou a iniciativa de organizar as condições e condicionantes necessárias para colocar em prática uma ideia: A de criar imagens, por exemplo, e assim o fez. Supõe-se que tal vontade ou intenção tenha sido a de sobreviver e que tais imagens tivessem sido criadas com fins propiciatórios: O ato de realizar uma imagem estaria diretamente ou simbolicamente ligado ao sucesso na obtenção do desejo que ela representava.

Esta é uma hipótese plausível dentro das possibilidades e condicionantes sociais da pré-história e da cultura humana naquele período. Mas se considerarmos o lado oposto: que tais imagens tivessem sido feitas pelo simples fato de ser possível criar algo à semelhança da natureza, mas que não estava na natureza e pudesse demonstrar e atestar suas habilidades cognitivas e psicomotoras provando sua capacidade de criar, realizar, inventar, fazer algo que a natureza, por si só, não era capaz de fazer, seria um modo de provar para si mesmo sua capacidade criadora, interventora, inventiva e volitiva.

Provar para si mesmo sua capacidade de fazer, de realizar, é um desafio que o ser humano assume com frequência, todas as transformações pelas quais a humanidade passou foram estimuladas ou designadas por desafios e pela vontade de solução ou superação. Este se tornou um valor defendido com “unhas e dentes” pela condição humana.

Nesta linha de raciocínio a presença da Arte na sociedade também significa que a invenção, a criatividade, a disposição em idealizar e realizar projetos, proposições, sonhos e fantasias é possível.

Entre a imagem de um bisão criado na parede de uma caverna e a saga *Star Wars* há uma distância muito grande, mas a imaginação é a motivadora das duas, embora tenham funções diferentes, uma é entendida e aceita como Arte e a outra como produto da indústria de entretenimento, no entanto, uma e outra sempre contaram com a capacidade de imaginar, fantasiar e realizar algo que pudesse provocar a interação entre os seres humanos. Produtos da necessidade ou da pura fantasia, não são pecados mas conquistas maravilhosas.



Bisões pintados na pré-história, na Caverna de Altamira, Espanha e um cartaz que mostra a saga Star Wars, não são tão diferentes assim ao levar em conta que ambas foram produzidas pela vontade e criatividade humanas.

Bem, acredito que até aqui tenha conseguido justificar que a presença da Arte na sociedade e que é produzida pela vontade humana e que atende, ao mesmo tempo, às demandas sociais. Mas não se pode ignorar que a *instrumentalização* da Arte na sociedade promovida pelo poder foi e/ou tem sido uma estratégia de dominação. Para que esta estratégia funcione há duas questões que devem ser equacionadas: uma é manter os produtores de imagens sob a ordem do poder fazendo com que pactuem, aceitem ou obedecem as diretrizes temáticas, formais e conceituais do poder.

Outra, também eficiente, é ignorar, negar, obliterar, esconder, não promover, cooptar, anular, ou seja: *Apagar* as manifestações diferenciadas e que se distanciam ou se opõem ao poder dominante.

De um modo ou de outro boa parte da História da Arte nos mostra estas duas tendências. Talvez a primeira seja mais eficiente do que a segunda pois, os registros mostram as manifestações em que o poder é o tema e o contrário é menos eficiente, pois como disse, o *Apagamento* é um meio de “esquecimento”, censura ou repressão.



A cena de combate entre Romanos e Dácios, na Coluna de Trajano em Roma, comemora a vitória do Império Romano sobre os Dácios, depois de décadas de lutas. A história registrada é a glória romana e a repressão Dácia, A Arte faz as vezes de repórter da história do lado do vencedor: do “bem” contra o “mal”.

Aos Romanos a glória, aos Dácios, a derrota. Aos vencidos o apagamento da história, quem vence tem voz e quem perde, não é ouvido ou nem ouve...

Atos heroicos, bélicos são registros comuns na Arte desde a Antiguidade. Também é comum a glorificação do poder como emanado da divindade. Deuses, reis, rainhas, imperadores, faraós e religiosos “ungidos” pelo divino lhes dá (somente a eles), o poder de exercer o mando sobre os outros, submetendo-os às suas vontades, aos seus ditames, promovendo sob sua ordem a subserviência e escravidão.

Isto não mudou muito. Hoje em dia ainda temos “líderes” que se apropriam deste recurso para exercer o domínio sobre o outro, seja na política, na religião ou na economia.

Pode-se dizer que o ser humano avançou muito desde seus primeiros momentos na pré-história, mas não conseguiu ainda estabelecer parâmetros capazes de equilibrar a balança entre poder e bem-estar social.

Não se pode dizer que o ser humano não tivesse consciência das diferenças sociais. Ao longo da história também temos notícias de revoltas, revoluções, êxodos e conflitos nos quais grupos sociais se rebelam contra o sistema.

Mas, como disse, a história é contada pelos vitoriosos ou por quem detém os meios de comunicação e informação.

Só para exemplificar, uma das “revoluções” mais emblemáticas ocorreu com o Império Romano e a Arte é testemunha disso. Como se sabe Roma foi o maior Império da Antiguidade. O poder totalitário que exerceu conquistou praticamente o território que corresponde a mais de quarenta países, com mais de cinco milhões de Km<sup>2</sup>. Entre Europa, África e Médio Oriente, com uma população estimada para a época em torno de 60 milhões.

Entre o apogeu e queda deste imenso império, surgiu um pequeno culto realizado às escondidas nas catacumbas (sepulcros) de Roma, que homenageava e venerava um líder espiritual (e revolucionário), condenado e executado sob o regime romano: Jesus de Nazaré.

As provas desse culto ainda podem ser vistas nas catacumbas por meio de imagens criadas para representar, consignar e consolidar esta personalidade.

Signos, símbolos e depois representações de figuras divinas vão se desenvolvendo ao ponto de se transformar num dos cultos mais fortes da humanidade.

Como se sabe também os cultos romanos eram politeístas e vários deuses eram homenageados pelos muitos templos edificadas para devoção. Ao Contrário os seguidores de Cristo, adoravam um Deus único, eram uma minoria, sem poder, submissa e refém da vontade dominante. Perseguidos e exterminados pelo poder romano, se refugiavam nas catacumbas para render homenagem ao seu Deus. Bem, ao olhar para esta situação, se vê que embora a repressão fosse intensa e cabal, eles resistiam e, para marcar essa resistência criaram símbolos:

O Bom Pastor: aquele que cuida bem de suas ovelhas e protege da adversidade; A figura do Orante, o que manifesta sua fé pela prece; O X e o P do alfabeto grego superpostas identificam o cristão; O Peixe, *IXTHYS* do grego cria um acróstico que diz: Jesus Cristo filho de Deus salvador; Árvore da vida: cresce para o céu amparada pela terra; Pomba, a paz divina; As letras Alfa e Ômega, do alfabeto grego simbolizam Deus como princípio e fim; A Âncora, como substituta da cruz ou resistência da fé; A Fênix, da mitologia egípcia, ave que ressurge da morte; O Cordeiro que representa o sacrifício; O Pavão que significa a ressurreição e a Barca simbolizando a Igreja.

Pode-se dizer que tais símbolos eram manifestações que procuram meios para sobreviver ao apagamento imposto pelo império Romano àqueles que não seguiam as regras e dogmas de suas religiões. Vislumbrando o enfraquecimento do Império, Constantino, libera os cultos Cristãos, a partir de então o Cristianismo se desenvolve e acaba sendo o herdeiro do espólio do decadente Império Romano ocupando seu território, tornando-se uma das religiões mais poderosas a partir de então. Assim, passou a apagar, negar, perseguir e exterminar as outras, as Cruzadas são uma prova cabal desta conduta.

Cabe ressaltar que os ensinamentos de Cristo são válidos o que não é válido é sua apropriação e instrumentalização para exercer e perpetuar o poder. O jogo do poder é pérfido e desumano ora de um lado ora de outro, há sempre alguém sob ameaça da violência e da repressão, por isto perdura o despeito ao humanismo e subsistem as lutas pela liberdade, libertação e igualdade dos povos. Ao subverter a ética e a moral os indivíduos passam a ser insensíveis e insensatos, é o triunfo maniqueísta do mal contra o bem. Quando o indivíduo vê no seu igual alguém que, supostamente, o ameaça adota a violência e a usa contra si mesmo.

Percebe-se também o exercício desta estratégia quando se olha para a prática colonialista de apropriação de bens materiais e civilizatórios de grupos étnicos ou nações, travestindo tal prática de “Proteção Cultural” por meio de Expedições Arqueológicas e/ou Históricas, destinadas a identificar, recolher e se apropriar de obras e demais produtos culturais como forma subliminar de exercício e consolidação da dominação. As culturas locais reprimidas, exterminadas só aparecem em peças de museus e nomes de logradouros públicos.

Por meio da submissão do patrimônio imaterial aos acervos de instituições museológicas toma, simbolicamente a consciência e a identidade do outro. Basta observar o acervo de boa parte dos Museus de História Natural ou de Arte do mundo ocidental os quais estão repletos do espólio e da herança cultural de povos e civilizações que não tiveram a oportunidade ou as condições de se manterem íntegras e tampouco vivas para reivindicar suas posses nem sua dignidade.

E as pessoas se regozijam e pagam para ver...

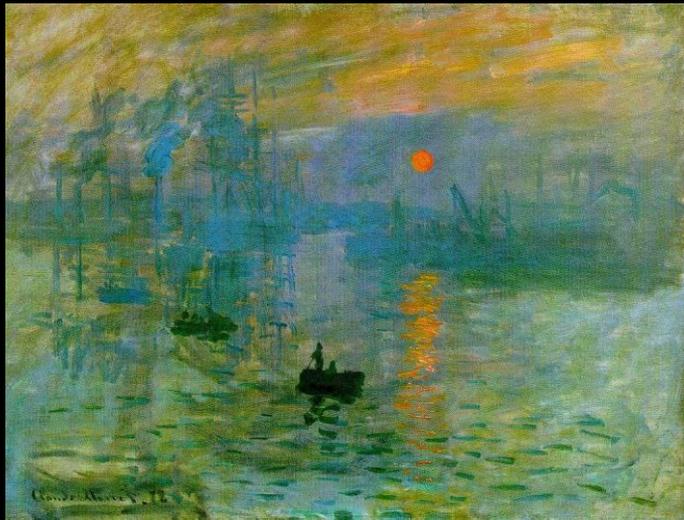
Nesse sentido a ideia de *Apagamento* corresponde à condição social em que o poder instituído atua no intuito de fazer tábula rasa de valores, identidade de grupos, etnias e nações promovendo o *Apagamento Cultural e Identitário* com o fim de reduzir os anseios de autonomia e liberdade dos dominados impondo-lhes valores pela propaganda e/ou pelo medo e com isso, exercendo com mais eficiência seu domínio ao mesmo tempo que aumenta, centraliza e acumula seu poder.

Como resistir a isto?

Olhando o percurso da Arte, pode-se dizer que a produção artística cumpriu sua função social muito mais próxima do poder do que de sua própria identidade. Até o século XIX, o gosto acadêmico instaurado e defendido pela nobreza, igreja e burguesia tornou-se um padrão hegemônico amparado na tradição clássica acadêmica e dominou a produção artística. Afastar-se dele era uma sentença de ostracismo social e econômico. Ao contrário, manter-se com ele era uma garantia de sobrevivência, sucesso e distinção, afastando-se do *Apagamento compulsório*.

Mas isso não duraria para sempre, de novo entram em cena as tentativas da Arte Visual de resgate de sua autonomia expressiva e sua individualidade, passa a buscar com mais vigor e efetividade suas próprias estratégias de criação se afastando da tradição e inaugurando um novo processo. Isto resultou no advento da Modernidade em fins do século XIX. Por outro lado, a atitude dos conservadores foi a de denegrir, desqualificar e reprimir as manifestações que se opunham, contestavam ou contrariavam o *status quo* chamando-a de Arte Degenerada, como fizeram mais tarde os Nazistas.

Basta lembrar as reações que advieram das primeiras manifestações contra as Vanguardas Modernas, os defensores da Arte tradicional passam a detratar e desqualificar os artistas inovadores que, segundo eles, só eram capazes de obter uma mera “Impressão” do sol nascente, agir como “Feras” ou praticar “Bizarrias Cúbicas”. Estas foram as palavras usadas para desqualificar manifestações como o Impressionismo, o Fauvismo e o Cubismo ditas pelos críticos Louis Leroy e Louis Vauxcelles em defesa da visão hegemônica e conservadora no intuito de *Apagar*, extirpar da sociedade aqueles que insurgiam contra a Arte dominante.

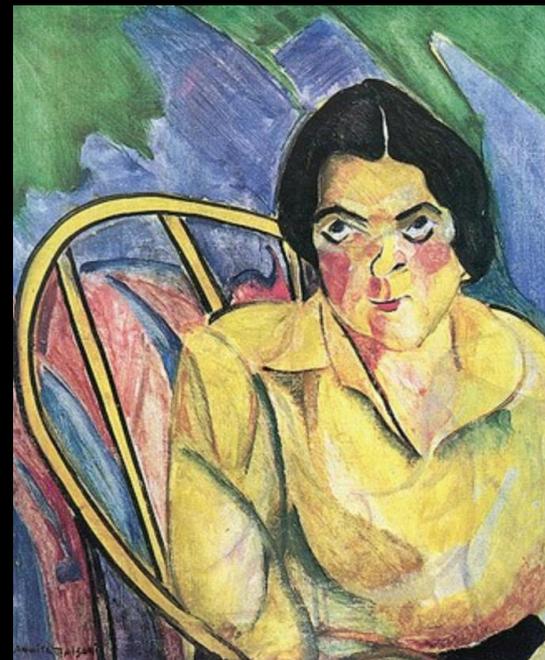


“Impressões do sol Nascente” de Monet; “Harmonia em Vermelho” de Matisse; “Violino e Cântaro” de Braque. Seus autores foram detratados pela crítica e pelo mercado no seu tempo por terem rompido com os modos e temas aos quais a sociedade da época estava habituada a ver e defendia como um modelo canônico de manifestação.

O mesmo aconteceu no Brasil com Anita Malfatti, em sua exposição de 1917, quando Monteiro Lobato, numa crítica extremamente dura e desqualificadora diz que seu trabalho é fruto de “Paranoia ou Mistificação”. Se é paranoia decorre de um distúrbio mental, como loucura, se é mistificação é algo realizado sem convicção e consciência, feito apenas pelo fato de ser inovador ou “estar na moda”. Enfim, tais colocações são depreendidas do texto do criador da Boneca Emília e o Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Para ter uma noção melhor das crenças “lobatianas”, leia ao lado quando diz que ela pratica uma:

Anita Malfatti,  
“A Boba”,  
1916.



*...“estética forçada no sentido das extravagâncias de Picasso e companhia..., seduzida pelas teorias do que ela chama arte moderna, penetrou nos domínios dum impressionismo discutibilíssimo, e põe todo o seu talento a serviço duma nova espécie de caricatura. Sejam sinceros: futurismo, cubismo, impressionismo e tutti quanti não passam de outros tantos ramos da arte caricatural”.*

Embora manifeste que reconhece, em parte, as qualidades da pintora, diz que tais qualidades foram subvertidas pela falsa crença da Arte Moderna que é uma tendência ilusória, um modismo passageiro, uma falácia estética que nada mais é do que caricatura, ou seja: a imagem deformada da realidade.

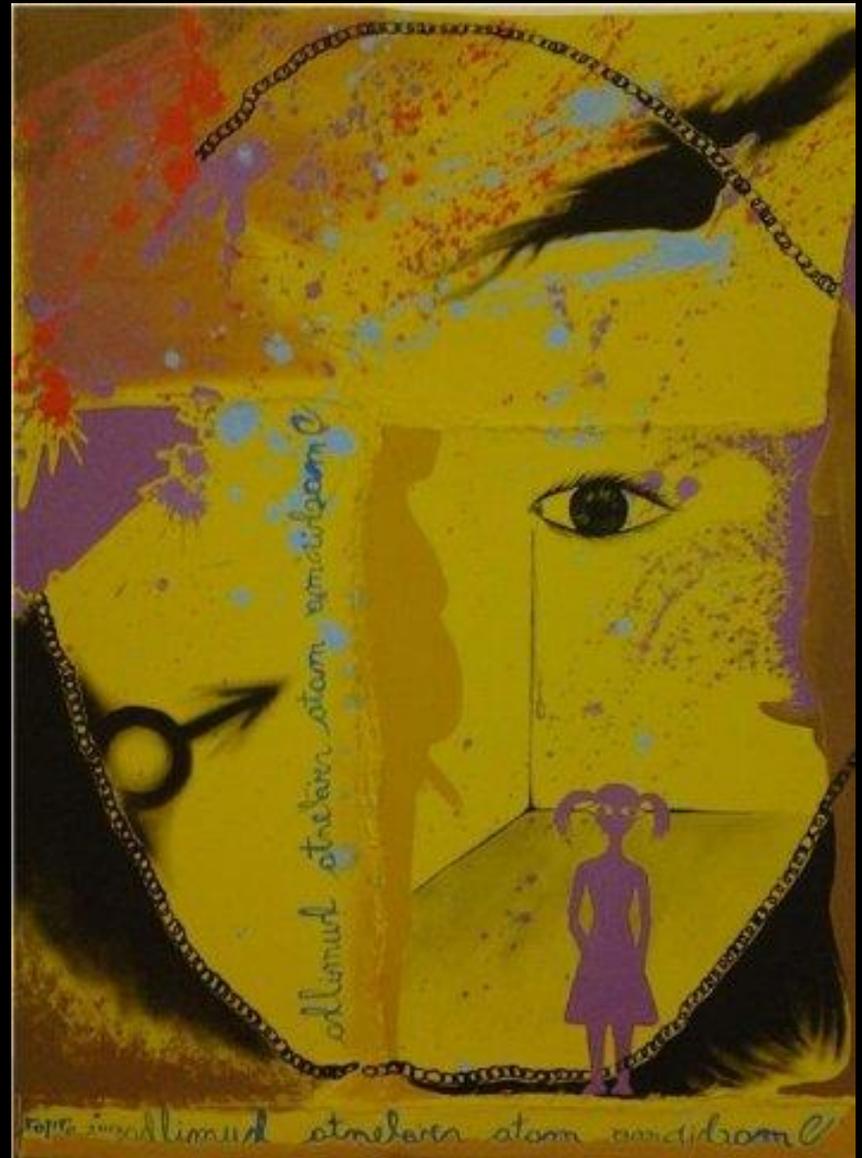
Percebe-se no texto uma atitude conservadora e a falta de escrúpulo em usar o trabalho de alguém como estratégia para expor sua opinião. Se a questão dele era a descrença na Arte Moderna, poderia muito bem fazer isto sem usar Anita Malfatti como “bode expiatório”.

Se este tipo de atitude e prepotência parece muito distante ou muito longe do tempo presente, vamos atualizar um pouco esta visão.

Em 2017, um fato bem recente, a mostra: “Queermuseu - cartografias da diferença na arte brasileira”, que reunia obras de 85 artistas como Volpi e Portinari, entre outros, após críticas de movimentos religiosos e do Movimento Brasil Livre, foi suspensa na galeria em que estava sendo realizada e não pode ser instalada em outras como originariamente previsto. Uma mostra cabal de que o conservadorismo ainda tenta dar as cartas.

Ainda em 2017, fato semelhante ocorreu no MARCO - Museu de Arte Contemporânea de Campo Grande, MS, em que um Delegado da Delegacia Especializada de Proteção a Criança e ao Adolescente apreendeu um dos quadros da artista mineira Alessandra Cunha Ropre por supor uma pretensa apologia à pedofilia... Estes são fatos que tipificam tentativas de *Apagamento* hoje em dia.

Segundo a autora a obra pretende o contrário: denunciar a pedofilia. Mas ao que parece, basta colocar títulos marcantes nas obras para que sejam vítimas de agressões e disparates como este.



Isto lembra muito bem momentos de exceção de repressão nos quais a censura limita o que a imprensa pode ou não dizer: “o que os olhos não veem, o coração não sente”.

Enfim, as estratégias de Apagamento são usadas o tempo todo. Seja pela repressão ou pela censura, pela maledicência ou pela desqualificação: o que o poder não gosta ele combate, anula, reprime e extingue. Isto ocorre também no contexto macro, nem é necessário fechar museus ou galerias é bem mais eficiente não investir em cultura, em educação e deixar a sociedade à mingua...

O afastamento da Arte das funções pragmáticas que a caracterizaram nos séculos anteriores, a partir do Modernismo, ao contrário de apagar sua presença na sociedade, promoveu a intensificação de novos processos poéticos, estéticos e investigativos. Pode-se dizer que as tentativas de desarticulação e *Apagamento* a consolidou como campo de atuação reconhecendo-a como autônoma e propositiva ampliando os estudos e pesquisas realizadas sobre ela e por meio dela. Hoje em dia é comum manifestações mais engajadas na diversidade e em defesa da sociedade mais do que foi em outros tempos.

A partir do Modernismo a Arte passa a explorar novos processos e proposições estéticas dando vazão às tendências conceituais.

A partir de então *instaura sua presença como forma de investigação* e constitui um campo de *conhecimento específico* que antes não era visível tampouco respeitado.

Na medida em que o aprofundamento da Arte na investigação expressiva lhe traz mais autonomia, personalidade e criatividade também a afasta da classe dominante que, por não conseguir mantê-la sob seu domínio, passa a negá-la, ou seja, tenta *apaga-la*.

No entanto, não se pode ignorar também que ao mesmo tempo em que havia uma ruptura com o modelo ou padrão de gosto anterior, as vanguardas vão sendo adotadas por novos públicos: já que não é possível vencê-la, alia-se a ela. A nova geração burguesa, que surge a partir da industrialização, instaura o capitalismo predatório e consumista com pouco apreço e nenhum compromisso com a tradição e se torna a principal destinatária do espólio da Arte Moderna e investidora da Arte Pós-moderna, cuja preferência resvala e dialoga, quase sempre, na e com a Indústria Cultural e o mercado, onde cifras extremamente altas transformam obras em verdadeiras âncoras financeiras prontas a serem renegociadas por valores cada vez mais elevados.

Um exemplo disso é a obra de Vincent Van Gogh, “A Arlesiana, Madame Ginoux”, que obteve 40,3 milhões de dólares em leilão da Christie’s em NY. O mais irônico é que Van Gogh, em toda sua vida não conseguiu vender quase nenhuma de suas obras, viveu precariamente às expensas do irmão, sofrendo humilhações e o descaso da sociedade. Marginalizado, oprimido e depressivo a ponto de cometer suicídio.

Que sociedade é esta?

Bem, é a que existe até hoje, a mesma que continua praticando suas “maldades” contra os indefesos...



Obras de Arte, antes negadas, desqualificadas passam a ser leiloadas por valores astronômicos. Seria, quem sabe, o reconhecimento tardio de sua importância? Não! É apenas mais uma estratégia de neutralização ou *apagamento* menos agressivo, mas igualmente eficiente. Agora, ao invés de confrontá-las parece ser mais eficiente transformá-las em bens de consumo, em produtos mercantis, numa espécie de *produto cultural* e, deste modo, destituí-las de seus valores originais, estéticos e culturais, de suas raízes antropológicas, étnicas ou sociais.

Recolhendo-as aos acervos particulares ou institucionais elas são afastadas de sua identidade, de sua função social e do público. Se antes a apropriação da Arte era exercida pelo poder para usá-la como instrumento de dominação, hoje ele se apropria dela para neutralizá-la, reduzir ou anular sua capacidade de reflexão, contestação e libertação tornando-a refém do sistema capitalista ao demonstrar o poder do mercado sobre elas. Mesmo aqueles mais radicais e inconformados acabam sendo cooptados pelo processo mercantil e se submetendo ao sistema.



Uma obra de Banksy, grafiteiro irreverente, é colocada em leilão na Sotheby's em NY, durante o fechamento dos lances quando atinge o valor de 1,18 milhão de euros, começa a ser fragmentada diante do público, mas para no meio. O que seria um ato performático do autor em confronto e negação do mercado, não se realiza completamente e o comprador (anônimo), manteve sua posição e adquiriu a obra mesmo semi-fragmentada, o que, para espanto de todos, acabou por agregar mais valor a ela...



Cranio, grafiteiro diante de uma de suas obras em muro urbano.



Exposição MayDay de Cranio em galeria paulista, outside/inside...

Neste sistema é fácil cooptar, fabricar convencer as pessoas a participarem do processo, basta acarinhá-los com altos valores, com a distinção ou o reconhecimento glamuroso da mídia tornando-as celebridades do dia para a noite e assim desloca-las de seu ambiente social transformando-as em estrelas (cadentes?).

O surgimento da Pichação como atitude inconformista e *undeground* se transformou em *Grafite*, atitude mais conformada com o contexto atual com grande chance de tornar-se celebridade, basta ser “descoberto” por um bom agente ou galerista.

Neste sentido o Apagamento não se refere apenas à exclusão, à repressão, mas também à inclusão ordenada e promovida pelo sistema que é um modo de refrear e arrefecer os ânimos. Dificilmente um artista cooptado pelo sistema irá confrontá-lo. Domar é um meio de amansar as feras...

Nem é necessário apagar, basta subjugar.

Por outro lado, independente das posições sociais, ideológicas, mercantis ou pessoais que os artistas tenham ou sofram não se pode esquecer que, mesmo assim, a Arte permanece, independente dos modos como sobrevive.

Não é porquê alguns foram submetidos à vontade alheia, cooptados ou obrigados a agir de acordo com as regras dominantes que a Arte se tornou menor ou menos importante.

É necessário entender estes processos e isto cabe ao ensino, à educação, aos sistemas de manutenção, preservação e conservação de bens culturais. Não é porquê as estratégias de dominação usam recursos para dominar, submeter, reprimir que os artistas ou a Arte seja menor ou pior, ela é apenas um dos reflexos do que a sociedade ou a humanidade é, portanto, ela não tem que ser punida pelos erros dos outros.

## ***Encerrando:***

Se a sociedade ainda não encontrou o caminho para ser melhor, não significa que todos tenham que se acomodar a esta tendência, ao contrário, é necessário continuar lutando para que as coisas mudem.

Para que o sistema social como um todo reconheça em cada indivíduo seu valor, sua humanidade a Arte é um dos meios através do qual é possível vislumbrar isto.

Não quer dizer que a Arte, por si só, vá mudar o mundo, embora ela seja um dos meios de olharmos para o mundo de maneira própria.

Pode ser uma utopia acreditar que a Arte mude o mundo, mas é possível acreditar que ela contribua para mudar as pessoas e estas sim, podem mudar o meio.

As mudanças podem ocorrer na medida em que a sociedade se torne mais consciente de sua capacidade de promover o respeito, a tolerância, a aceitação do outro e, com isto, seja possível vislumbrar um mundo melhor.

No mínimo a sociedade seria mais equânime e capaz de compartilhar valores, bens e, finalmente, tornar-se de fato humana.

Atualmente vive-se uma crise de valores e, ao mesmo tempo, a intensificação da dominação econômica e política no mundo todo. As nações mais fortes impõem seus valores e seu poder econômico às outras tornando-as dependentes e subservientes.

Hoje em dia vemos crescer a transformação do país em fornecedor de commodities, afastando-nos cada vez mais do desenvolvimento e do equilíbrio social. Isto acontece com muitos países no mundo atual, basta enfraquecer sua economia para apropriar-se de sua identidade, cultura e território. E eu aqui falando de Arte...

Se o ser humano na pré-história intuiu que a Arte transformaria o seu cotidiano, nem que fosse pelo simples fato de ter o domínio simbólico sobre ele, porquê não investir nessa ideia e continuar acreditando que os responsáveis pelo nosso destino somos nós mesmos.

Um dia, quem sabe, tudo será melhor assim, acreditar nisso talvez seja o modo de suportar a realidade.

Por isto continuo acreditando que:

*Em Arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma.*